

ANÁLISE DA ELEVAÇÃO DA VOGAL ÁTONA FINAL /O/ EM PRUDENTÓPOLIS, PARANÁ

Lucelene Teresinha Franceschini¹
Loremi Lorean-Penkal²

RESUMO

Esta pesquisa³, fundamentada nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]), tem como objetivo investigar o processo de elevação da vogal média /o/, em posição postônica final, na fala em língua portuguesa de moradores da zona rural, descendentes de imigrantes eslavos da cidade de Prudentópolis, Paraná. Foram analisadas 24 entrevistas sociolinguísticas estratificadas por sexo, duas faixas etárias e três níveis de escolaridade, pertencentes ao banco de dados do projeto VARLINFE (Variação Linguística de Fala Eslava). Os dados apontam um baixo índice de elevação da vogal estudada.

Palavras-chave: elevação vocálica, etnia eslava, Projeto VARLINFE.

Introdução

Este estudo analisa a elevação da vogal média posterior na fala de descendentes de eslavos da zona rural de Prudentópolis, Paraná. Para tanto, foram consideradas 24 entrevistas distribuídas por duas faixas etárias (25 a 49 anos e acima de 50 anos), sexo (feminino e masculino) e três níveis de escolaridade (fundamental I, fundamental II e ensino médio), pertencentes ao banco de dados do projeto VARLINFE (Variação Linguística de Fala Eslava).

No Sul do Brasil, dois estudos de Vieira (2002; 2009) apresentaram análises a respeito da elevação das vogais átonas finais. Em Vieira (2002), a autora analisou as vogais /e/ e /o/ finais e não finais de oito informantes de cada uma das cidades do banco de dados do Projeto VARSUL (Variação Linguística Urbana na Região Sul do Brasil):

¹ Professora Colaboradora da Universidade Estadual do Centro-Oeste, Irati, Paraná. Doutora em Letras, com pós-doutorado em Sociolinguística. Contato: lucelenetf@gmail.com

² Professora da graduação e do Mestrado em Letras da Universidade Estadual do Centro-Oeste, Paraná. Doutora em Linguística, com pós-doutorado em Sociolinguística. Contato: llpenkal@unicentro.br

³ Pesquisa com apoio do CNPq. Processo número: 443809/2014-3.

Curitiba, Irati, Pato Branco, Londrina, Florianópolis, Lages, Blumenau, Chapecó, Porto Alegre, Flores da Cunha, Panambi e São Borja. Seus resultados mostraram a preservação das vogais átonas finais na fala dos habitantes de algumas das cidades analisadas, com destaque para Curitiba, Chapecó, Flores da Cunha e Irati.

Em Vieira (2009), a autora analisou o comportamento das vogais médias /e/ e /o/ na fala de 48 informantes, 16 informantes de cada uma das capitais da região Sul. Em relação às postônicas finais com /o/, a pesquisadora verificou que os percentuais de aplicação da regra de elevação de /o/ postônico final são bastante altos nas três capitais, podendo ser considerados praticamente categóricos para Porto Alegre (97%) e Florianópolis (95%). Curitiba também apresentou um importante percentual de elevação (81%). Porto Alegre foi a capital que mais aplicou a regra de elevação, apresentando um peso relativo de 0,74. A seguir, os dados mostraram Florianópolis com um peso relativo de 0,55, indicando que, nessa amostra, Florianópolis teve um papel praticamente neutro em relação aos índices gerais de elevação de /o/. Já em Curitiba, a regra de aplicação foi bem menor, conforme apontou o peso relativo de 0,22.

Limeira (2013), também nos dados do VARSUL, estudou o comportamento das vogais médias /e/ e /o/, em pauta pretônica, postônica e nos clíticos, na fala de 12 informantes de Curitiba. A autora verificou que as postônicas apresentam os maiores percentuais gerais de não elevação das vogais médias, com 62% para /o/ e 70% para /e/.

No Rio Grande do Sul, Machry da Silva (2009) analisou a elevação das vogais médias postônicas em dados de fala de 14 informantes de Rincão Vermelho, uma localidade rural, situada na fronteira com a Argentina. Seus resultados mostraram que o alcance das vogais /e/ e /o/ em posição final ocorre variavelmente, com maior probabilidade de aplicação para a vogal média /o/. Os falantes da comunidade em estudo elevaram essa vogal quase na mesma medida em que a preservaram, apresentando uma leve tendência para o alcance (55%).

Também no Rio Grande do Sul, Mileski (2013) analisou a elevação das vogais médias átonas finais no português falado por 24 informantes, descendentes de imigrantes poloneses residentes na comunidade rural de Vista Alegre do Prata. Seus resultados apontaram um percentual de elevação significativamente mais baixo que o encontrado em outras localidades, com 5,6% de elevação da vogal átona final /o/ e 2,5% de elevação da vogal final /e/.

Os trabalhos citados acima, dentre outros, apresentam resultados bastante significativos sobre a realização variável da vogal átona final /o/ no Sul do Brasil. Na

medida do possível, procuramos comparar nossos resultados aos obtidos nesses estudos. No entanto, destaca-se que cada um desses trabalhos organizou distintamente as variáveis independentes e, nestas, os fatores, especialmente no que se refere às variáveis contexto precedente e contexto seguinte, fato que, em alguns casos, dificultou generalizações.

A comunidade de Prudentópolis, Paraná

Prudentópolis, município brasileiro que reúne a maior concentração de ucranianos, situa-se na região centro-sul do Paraná e formou-se em 1906, sob o nome de Prudentópolis em homenagem ao presidente Prudente de Moraes. O IDH é de 0,733, sendo que ocupa a 231^a posição entre os 399 municípios paranaenses. É considerada uma região com um IDH inferior à média paranaense.

Em relação à história da cidade, segundo Haineiko (1985), pequenos grupos de famílias ucranianas começaram a vir ao Brasil no ano de 1876, bem como entre os anos de 1884 a 1891. Porém, a data que é considerada basilar para historicizar a vinda dos imigrantes ao Brasil é o ano de 1895, quando aproximadamente 5500 ucranianos desembarcam em Paranaguá, Paraná⁴. Em sua maioria, vieram da Galícia (Ucrânia Ocidental) território que pertencia à Áustria, por intermédio de agentes de imigração na Europa, com promessas de terra e melhores condições de vida, já que estavam sofrendo imposições no Czarismo da Rússia e da Ucrânia Oriental. Tais regiões sempre estavam em intensos conflitos políticos.

Após sua chegada a Paranaguá, foram encaminhados a Curitiba, para que na capital do Estado fossem destinados às suas terras, dirigindo-se, inicialmente, para o norte de Santa Catarina (hoje municípios de Itaiópolis, Papanduva e Santa Terezinha). No Paraná, instalaram-se em Prudentópolis, Mallet, Paulo Frontin, Paula Freitas e Rio Azul, sendo que a maior colônia de imigrantes ucranianos situava-se na região de Prudentópolis.

No período de desbravamento, os imigrantes tiveram que lutar contra a formação irregular das terras que lhes foram conferidas, contra a fome e, ainda, contra a intolerância dos nativos. De acordo com Haneiko (1985, p. 47):

⁴ BURKO, V. *A imigração Ucraniana no Brasil*. 2^a Ed. Curitiba. 1963.

[...] a desilusão foi imensa ao constatarem a dura realidade: florestas imensas pela frente, para serem derrubadas e o seu solo cultivado. Sem ferramentas e apetrechos agrícolas, já que na Europa não conheciam a foice, instrumento indispensável agora. A muito custo adquiriram foices, machados, cortadeiras e serras. As tendas ou barracos que construíram eram de pau, xaxim, e folhas de taquara. [...] Um povo profundamente religioso, praticante e acostumado às práticas espirituais: assistência às missas, freqüência aos sacramentos, apegados às suas tradições típicas, aos seus costumes, estava desprovido de tudo isso que tanto prezava.

Quando a dificuldade em se comunicar com os que já habitavam as regiões que foram povoar torna-se um grande empecilho, se revela a vontade de voltar ao seu país. Mas percebem que tal atitude já não é mais possível.

Mais longe de retornar ao seu país, e com a impossibilidade de se comunicarem, escrevem para suas igrejas na Ucrânia e pedem que sejam enviados padres para que esses venham (re) criar possibilidades de vida social.

Em 1896, as autoridades eclesiásticas da Ucrânia enviam um sacerdote para avaliar a situação dos imigrantes e, ainda no mesmo ano, enviam para a região de Prudentópolis dois padres para que realizassem os ofícios religiosos. Porém, como era costume dos ritos orientais do país de origem, os padres eram casados, motivo pelo qual esses foram inicialmente impedidos de exercer o sacerdócio no Brasil. Mas, como um dos padres era viúvo, este foi autorizado a realizar seu trabalho, tendo o outro retornado à Ucrânia.

Apesar de todas as dificuldades de adaptação, a preocupação principal era a vida religiosa e a educação. Assim, com o apoio da igreja, constroem escolas e estas são administradas por ela. Hauresko (1999), ao fazer um levantamento histórico da imigração ucraniana no Paraná, afirma que até o ano de 1914 existiam 22 escolas para imigrantes ucranianos, com uma média de 630 alunos no total, sendo que estas eram mantidas financeiramente por Conselhos Escolares. Nessas escolas, a educação priorizava o ensino em/da língua ucraniana, a sua cultura, bem como o seu rito religioso, os quais eram considerados vitais para a preservação dos seus costumes.

Constata-se, assim, que a religião exerceu, e ainda exerce, um papel fundamental na preservação dessa minoria linguística no Paraná, já que grande parte dos ritos religiosos do catolicismo ortodoxo é, até hoje, praticado em língua ucraniana.

Pesquisa realizada por Ogliari (2001) constata que o idioma ucraniano e a situação bilíngue português/ucraniano existente naquela comunidade têm sua preservação marcada por dois fatos: as células familiares e os ritos religiosos católicos.

Metodologia

Este estudo está apoiado, especialmente, nos pressupostos da Teoria da Variação e Mudança Linguística, delineada por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) e Labov (2008 [1972]). Foram levantados, por meio da análise de oitiva, os dados de elevação e de não elevação da vogal média-alta posterior /o/ em posição átona final de 24 entrevistas sociolinguísticas (com no mínimo 40 minutos de fala cada) realizadas com descendentes de eslavos, ucranianos e poloneses, moradores da zona rural de Prudentópolis, cidade localizada na região Centro-Sul do Paraná.

Os 24 informantes da amostra foram estratificados em duas faixas etárias (12 de 25 a 49 anos; 12 de 50 anos ou mais), sexo (12 do sexo feminino e 12 do masculino) e três níveis de escolaridade (8 informantes com fundamental I; 8 com fundamental II; 8 com ensino médio). As entrevistas fazem parte do banco de dados VARLINFE (Variação Linguística de Fala Eslava), que contém amostras de fala de sete cidades do centro sul do Paraná, quais sejam, Mallet, Irati, Prudentópolis, Rio Azul, Rebouças, Ivaí e Cruz Machado. Para a análise estatística dos dados, utilizamos o programa GoldVarbX.

Banco de Dados VARLINFE

O Banco de Dados VARLINFE⁵ foi montado por pesquisadores da área de Sociolinguística da Unicentro, *campus* de Irati, e surge, em um cenário de forte imigração eslava, como uma maneira importante de registrar o patrimônio imaterial/linguístico de descendentes de eslavos de sete cidades da região sudeste do interior do Paraná: *i*) Irati; *ii*) Rebouças; *iii*) Rio Azul; *iv*) Ivaí; *v*) Mallet; *vi*) Prudentópolis e *vii*) Cruz Machado.

Para a montagem do VARLINFE foi adotada a mesma metodologia do Projeto Variação Linguística Urbana na Região Sul, VARSUL, mas com um diferencial importante: optou-se por registrar a fala de descendentes eslavos da zona rural das localidades selecionadas. O perfil dos informantes contemplou os seguintes critérios, consagrados em pesquisas sociolinguísticas: 1. Falantes descendentes de eslavos (ou seja, o informante deveria ser descendente de ucraniano ou polonês, de pai ou de mãe ou de ambos e ter nascido na comunidade e/ou ter se mudado para lá, no máximo, aos 2

⁵ Maiores detalhes podem ser obtidos em LOREGIAN-PENKAL *et al* (2013).

anos de idade). 2. Não ter viajado para outras localidades (por exemplo, o informante não poderia ter sido caminhoneiro ou vendedor). 3. Morar na zona rural de um dos sete municípios incluídos na amostra.

As características sociais dos informantes do VARLINFE são estas: *sexo* (12 informantes do sexo masculino e 12 do feminino); *idade* (12 informantes de 25-49 e 12 acima de 50 anos) e *escolaridade* (8 informantes com ensino fundamental I; 8 com fundamental II; e 8 informantes com ensino médio).

Além desses critérios, foram levados em consideração, também, para a montagem do Banco: (i) a elaboração e preenchimento de ficha social, que detalha o perfil social do entrevistado; (ii) elaboração do roteiro de perguntas, que prioriza a coleta de narrativas de experiência pessoal; (iii) obtenção de anuência do entrevistado via assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.

Variáveis analisadas

Nesta pesquisa foram levantadas todas as ocorrências da vogal média posterior /o/ em contexto silábico postônico final de 24 entrevistas sociolinguísticas de Prudentópolis, Paraná. Os entrevistados eram moradores da zona rural do município e todos eram descendentes de ucranianos/poloneses com forte vivência na cultura dessas etnias.

Como variável dependente postulamos a elevação de /o/ átono final *versus* a não elevação de /o/ final. Nas rodadas, definimos como valor de aplicação da regra a elevação. As variáveis sociais analisadas foram quatro: faixa etária (25 a 49 anos; acima de 50 anos); escolaridade (fundamental I, fundamental II e ensino médio); sexo (masculino; feminino) e etnia (ucraniana, polonesa e híbrida⁶). As variáveis linguísticas independentes consideradas na análise e seus respectivos exemplos de ocorrência seguem especificados a seguir.

1. Tipo de consoante/vogal em contexto precedente

Esta variável foi considerada para verificar se o tipo de consoante – ou vogal – que antecede a vogal /o/ interfere em sua produção, elevada para /u/ ou não. Os fatores controlados foram os que seguem:

⁶ Contemplamos aqui os entrevistados com influências/interferências tanto do ucraniano quanto do polonês. Por exemplo, a mãe do entrevistado é descendente de ucranianos e o pai de poloneses, ou vice-versa. Nos casos em que o entrevistado era casado, levamos em consideração também a etnia do cônjuge.

- 1.1 Oclusiva [p, b, t, d, k, g]: Era **tempo** de mato, virgem...”⁷ (PRU 22M2PRIU)⁸
- 1.2 Fricativa [f, v, s, z, ʃ, ʒ, x]): “Naquele tempo as criança vivia com soluço” (PRU 5F1PRIU)
- 1.3 Nasal [m, n, ɲ]: “Já comemoramo cento e vinte **anus** né” (PRU 20M2GINU)
- 1.4 Lateral [l, ʎ]: “Na época era só **milho** e feijão.” (PRU 17M1PRIU)
- 1.5 Rótico [ɾ]: “E tá no **primero** ano agora.” (PRU 15M1COLU)
- 1.6 Vogal [i]: “O **fio** de arame era mais grosso” (PRU 4F1COLU)

2. Ponto de articulação do som consonantal em contexto precedente

Com o controle desta variável, pretendeu-se analisar a influência que o ponto de articulação da consoante, em contexto precedente, exerce na realização da vogal média postônica /o/. Os seguintes fatores foram controlados:

- 2.1 Bilabial [p, b, m]: “era bastante **pombo** do mato.” (PRU 11F2PRIU)
- 2.2 Labiodental [f, v]: “Tinha um só **fotógrafo** que fazia as foto.” (PRU 20M2GINU)
- 2.3 Alveolar [t, d, n, s, z, ɾ, l]: “Antes tempo **tudo** era mais gostoso parece”. (PRU 7F2GINU)
- 2.4 Pós-alveolar [ʃ, ɖʒ, ʃ, ʒ]: “**Acho** que meio ano e parei.” (PRU 13M1GINU)
- 2.5 Palatal [n, ʎ]: “**Tenho** mais um irmão e três irmãs.” (PRU 15M1COLU)
- 2.6 Velar [k, g, x]: “O **fogo** se fazia com graveto”. (PRU 2F1GINU)

3. Tipo de som em contexto posterior

O tipo de som em contexto posterior foi controlado para verificar se o contexto seguinte à variante em análise pode interferir na preservação de /o/ ou em sua elevação para /u/. Foram considerados os fatores:

Se consoante:

- 3.1 Oclusiva [p, b, t, d, k, g]: “Todo mundo **dava** doação pra igreja”. (PRU 10F2COLU)
- 3.2 Fricativa [f, v, s, z, ʃ, ʒ, x]: O meu casamento **foi** em setenta.” (PRU 20M2GINU)
- 3.3 Nasal [m, n, ɲ]: “Foi meio complicado **no** começo.” (PRU 15M1COLU)
- 3.4 Lateral [l, ʎ]: “Nós vendemo **lá** em Blumenau agora.” (PRU 17M1PRIU)
- 3.5 Rótico [ɾ]: “Segue o mesmo **rumo** assim...” (PRU 14M1GINU)

⁷ Nos exemplos dos dados de fala, optamos por transcrição ortográfica simples.

⁸ Notação que identifica os informantes e as variáveis sociais: PRU: Prudentópolis, número que identifica o informante, M ou F – sexo, 1 ou 2 – 1 faixa etária até 49 anos e 2 faixa etária mais de 50 anos, PRI (Primário, 1 a 4 anos de escola), GIN (Ginásio, 5 a 8 anos de escola), COL (Colegial, 9 a 11 anos de escola) – grau de escolaridade, P (Polonesa), U (Ucraniana), H (Híbrida: ucraniano e polonês.) – etnia.

3.6 Africada [ʃ, dʒ]: “Era taquaral fechado, pinheiro, bicho **tjinha..**” (PRU 22M2PRIU)

Se vogal:

3.7 Anterior alta [i]: “No mundo **intero** tinha essas coisa”. (PRU 12F2PRIU)

3.8 Anterior média [e, ε]: “Seguimo **essa** tradição ainda.” (PRU 13M1GINU)

3.9 Posterior alta [u]: “Guardava assim num pano **úmido**” (PRU 1F1GINU)

3.10 Posterior média [o, ɔ]: “...sentavam segurando **o** pão” (PRU 20M2GINU)

3.11 Baixa [a]: “Faz uns oito **ano** atrás eu fiz parte da comissão” (PRU 15M1COLU)

3.12 Pausa: “Era oitenta e oito. Daí depois disso...” (PRU 4F1COLU)

4. Ponto de articulação do som consonantal seguinte

Esta variável foi considerada para verificar se o ponto de articulação da consoante seguinte à vogal /o/ interfere em sua produção, elevada para /u/ ou não. Os seguintes fatores foram controlados:

4.1 Bilabial [p, b, m]: “Quase todo **mundo** entende o ucraniano” (PRU 15M1COLU)

4.2 Labiodental [f, v]: “Era tudo **feito** de madera” (PRU 18M1PRIU)

4.3 Alveolar [t, d, n, s, z, r, l]: “Era tudo **na** mão, se fazia tudo em casa”. (PRU 8F2GINU)

4.4 Pós-alveolar [ʃ, dʒ, ʃ, ʒ]: “Eu gostava muito **džisso.**” (PRU 22M2PRIU)

4.5 Velar [k, g, x]: “O povo **caiu** nas história contada pelo governo” (PRU 9F2COLU)

5. Sonoridade do segmento precedente

Esta variável foi considerada para verificar se a sonoridade (vozeada ou desvozeada) da consoante que precede a vogal /o/ influencia na sua produção, elevada para /u/ ou não. Foram considerados os fatores:

5.1 Vozeado: “Na época, nem calçado bom você não tinha.” (PRU 24M2COLU)

5.2 Desvozeado: “Era muito triste a situação deles lá” (PRU 10F2COLU)

6. Tipo de sílaba

Com o controle desta variável buscou-se verificar se o tipo de sílaba (pesada/CVC ou leve/CV) influencia no comportamento da vogal média /o/ em posição postônica, favorecendo ou inibindo o alçamento. Para tanto, foram considerados os seguintes fatores:

6.1 Com coda: “Quem que não tem sonhus, né” (PRU 15M1COLU)

6.2 Sem coda: “Tudo aquilo lá era mato, sabe?” (PRU 12F2PRIU)

7. Presença/ausência de vogal alta na palavra

Esta variável foi considerada para verificar se a presença de uma vogal alta – /i/ e /u/ – na palavra influencia na preservação de /o/ átono final ou em seu alçamento para /u/. Os seguintes fatores foram considerados:

7.1 Presença de vogal alta: “É tudo em ucraniano.” (PRU 13M1GINU)

7.2 Ausência de vogal alta: “No mato sempre se achava um poco de tudo né?”. (PRU 11F2PRIU)

Estas sete variáveis linguísticas, somadas às variáveis sociais: *sexo, escolaridade, faixa etária e etnia* foram devidamente codificadas para que pudéssemos rodar o programa GoldVarbX, cujos resultados encontram-se na seção a seguir.

Resultados da análise da vogal átona final /o/ em Prudentópolis, Paraná

Na amostra de Prudentópolis, obtivemos 4369 ocorrências de vogais átonas finais /o/ e /u/, destas, 456 ocorrências (10,4%) foram de elevação e 3913 foram de não elevação (89,6%). Verificamos, portanto, que em somente 10,4% das ocorrências os falantes realizaram a elevação da vogal átona final /o/ para /u/, o que confirma a baixa aplicação da regra de elevação no Paraná.

Esse baixo percentual de elevação em Prudentópolis (10,4%) aproxima-se do encontrado no trabalho de Mileski (2013), em Vista Alegre do Prata – RS, uma comunidade de descendentes de imigrantes poloneses, e que apresentou somente 5,6% de elevação da vogal /o/. Já nas capitais da região Sul (VIEIRA, 2009) e em Rincão Vermelho – RS (MACRHY DA SILVA, 2009), os percentuais de aplicação da regra de elevação de /o/ foram muito mais elevados (Curitiba: 81%, Florianópolis: 95%, Porto Alegre: 97% e Rincão Vermelho: 55%).

Destaca-se ainda que na rodada geral dos dados de Prudentópolis, o programa estatístico apresentou um *input* de somente 0,069 para a elevação de /o/ átono final, resultado que confirma o baixo percentual já verificado nos dados.

As variáveis linguísticas e sociais selecionadas pelo programa GoldVarbX, por ordem de significância, foram: 1. Sonoridade do segmento precedente; 2. Presença/ausência de vogal alta; 3. Tipo de sílaba; 4. Ponto de articulação da consoante seguinte; 5. Faixa etária; 6. Tipo de consoante precedente; 7. Ponto de articulação da consoante precedente; 8. Contexto fonológico seguinte.

Apresentamos, a seguir, os resultados das variáveis linguísticas e, na sequência, os resultados da variável faixa etária, a única variável social selecionada nos dados de Prudentópolis. A escolaridade e o sexo não foram considerados significativos na aplicação da regra de elevação do /o/ átono final nessa amostra. Em relação à etnia, verificamos que a grande maioria dos informantes da amostra de Prudentópolis é de origem ucraniana (23), o que explica a não seleção dessa variável.

Variáveis selecionadas

A variável selecionada em primeira posição, portanto como a mais relevante para a elevação da vogal estudada, foi a sonoridade do segmento precedente. Os resultados dessa variável são apresentados na tabela 1:

Tabela 1: Sonoridade do segmento precedente

Fatores	Aplicação/Total	Frequência	P.R.
- vozeado	426/3214	13	0,62
- desvozeado	30/1155	2	0,21
Total	456/4369	10,4	
<i>Input: 0,069</i>			

Fonte: VARLINFÉ (2014)

A variável sonoridade, que foi considerada para verificar se segmentos vozeados ou desvozeados que precedem a vogal /o/ influenciam na sua produção, elevada para /u/ ou não, foi considerada a variável mais significativa em nossa análise. Verificamos que a elevação predomina (0,62) com os segmentos vozeados (*divertidu*, *cabu*); já os desvozeados (*charuto*, *campo*), com peso relativo de 0,21 para a elevação, favoreceram a preservação da vogal final /o/.

Em segunda posição, a variável presença/ausência de vogal alta na palavra foi selecionada. Os resultados dessa variável são apresentados na tabela 2.

Tabela 2: Presença/ausência de vogal alta na palavra

Fatores	Aplicação/Total	Frequência	P.R.
- presença	334/2340	14	0,64
- ausência	122/2029	6	0,34
Total	456/4369	10,4	

Fonte: VARLINFÉ (2014)

Verificamos que a presença de vogal alta na palavra (*pinherinho*, *adubu*), com um peso relativo de 0,64, favorece a elevação da vogal final /o/ para /u/; já a ausência de

vogal alta (*tempo, casamento*) desfavorece a elevação de /o/ (0,34). Segundo Vieira (2002), esse comportamento está associado a um processo de assimilação progressiva, pelo qual a vogal média postônica assimila o traço de altura da vogal da sílaba precedente.

As análises de Vieira (2009) e Machry da Silva (2009) apontaram a vogal alta precedente como um dos fatores mais favorecedores para a elevação de /o/ átono final (0,82 e 0,90, respectivamente). Por outro lado, a ausência de vogal alta inibiu a elevação de /o/, com pesos de 0,28 e 0,30.

Os resultados de Mileski (2013), apesar de menos polarizados, também mostraram que a presença de vogal alta favorece a elevação de /o/ átono final (0,57), e sua ausência desfavorece essa elevação (0,42).

Assim, constatamos que nossos resultados confirmam a hipótese de que a presença de vogal alta na palavra condiciona a elevação da vogal átona final /o/ para /u/, conforme já demonstraram Vieira (2009), Machry da Silva (2009) e Mileski (2013).

A variável tipo de sílaba (com coda/sem coda) foi selecionada em terceira posição. A tabela 3 apresenta os resultados dessa variável:

Tabela 3: Tipo de sílaba

Fatores	Aplicação/Total	Frequência	P.R.
- com coda	71/275	25	0,82
- sem coda	385/4094	9	0,47
Total	456/4369	10,4	

Fonte: VARLINFE (2014)

Conforme observamos na tabela, as sílabas com coda (*muitus, novecentus*) são bastante favorecedoras da elevação (0,82); já as sílabas sem coda (*casamento, fumo*), com um resultado próximo ao ponto neutro, desfavorecem levemente a elevação (0,47). Destacamos que a grande maioria dos dados de elevação apresentaram a coda /s/, o que nos faz pensar que tanto pode ser a coda como a consoante /s/ o fator mais favorável à elevação.

Portanto, em relação às sílabas com coda, o resultado de nossos dados (0,82 para a elevação) corrobora os obtidos em Vieira (2009), Machry da Silva (2009) e Mileski (2013), pois em todos esses trabalhos, com 0,82, 0,90 e 0,84, respectivamente, as sílabas com coda /s/ favoreceram a elevação de /o/ para /u/.

Quanto às sílabas sem coda, nossos resultados (0,47), assim como nos demais trabalhos citados, apresentam valores próximos ao ponto neutro, o que indica que a

ausência de coda parece não influenciar na preservação de /o/ ou em sua elevação para /u/.

Verificamos, assim, que o resultado da variável tipo de sílaba na amostra de Prudentópolis confirma o obtido em análises precedentes, ou seja, as sílabas com coda, favorecem a elevação da vogal final /o/ e as sílabas sem coda apresentam resultados próximos ao ponto neutro.

Os resultados das variáveis tipo de consoante (ou vogal) em contexto fonológico precedente e ponto de articulação da consoante precedente (selecionadas em 6^a e 7^a posição, respectivamente) que se referem ao segmento precedente à vogal analisada, são apresentados conjuntamente na tabela 4.

Tabela 4: Tipo de consoante e ponto de articulação da consoante precedente

Fatores	Aplicação/Total	Frequência	P.R.
Tipo de consoante/vogal			
Nasal	127/850	14	0,57
Oclusiva	227/2250	10	0,57
Rótico	60/491	12	0,55
Vogal –i	14/167	8	0,38
Fricativa	21/376	5	0,21
Lateral	7/235	2	0,16
Ponto de articulação			
Pós-alveolar	5/46	10	0,91
Labiodental	12/128	9	0,75
Palatal	28/229	12	0,60
Alveolar	356/3081	11	0,52
Bilabial	45/365	12	0,47
Velar	8/369	2	0,19

Fonte: VARLINFE (2014)

A variável tipo de consoante/vogal precedente apresentou como favorável à elevação as nasais (0,57), as oclusivas (0,57) e o rótico (0,55). A vogal i, ao contrário do esperado, desfavoreceu a elevação de /o/ para /u/ (0,38), assim como as fricativas (0,21) e as laterais (0,16).

Os resultados da variável ponto de articulação da consoante em contexto fonológico precedente mostram que a elevação é favorecida principalmente pelas consoantes pós-alveolares (0,91), seguidas das labiodentais (0,75) e palatais (0,60). As consoantes alveolares e bilabiais apresentaram resultados próximos ao ponto neutro (0,52 e 0,47, respectivamente) e as velares desfavoreceram a elevação (0,19).

A variável tipo de consoante, aliada ao ponto de articulação dos sons e rotulada como contexto precedente em outros trabalhos, foi selecionada em várias pesquisas (VIEIRA, 2009; MACHRY DA SILVA, 2009; MILESKI, 2013). No entanto, as diferenças na constituição dos fatores das variáveis dificultam comparações entre os resultados ou generalizações. Em nossa análise, separamos o contexto precedente pelo modo de articulação dos sons (occlusiva, fricativa, rótico, lateral etc) e ponto de articulação (alveolar, bilabial, palatal etc.), já os demais estudos analisaram as consoantes como coronais [+ant] e [-ant], dorsais e labiais, amalgamando ou isolando os diversos fatores.

Na análise de Machry da Silva (2009), as coronais [+ant] (*brinquedo, curso*), com peso relativo de 0,55, apresentaram um leve favorecimento ao processo de elevação; as consoantes labiais (*adubo, primo*) apresentaram peso relativo de 0,45, figurando como neutras, com leve tendência à preservação. As consoantes que mais inibiram o alçamento da vogal /o/ final, com menor peso relativo (0,38), foram as coronais [-ant] amalgamadas com as dorsais (*tacho, plastico*).

Em Mileski (2013), ao contrário, as consoantes coronais [-ant] favoreceram o alçamento da vogal média átona final /o/ (0,76) e as consoantes dorsais e os segmentos [s, z] apresentaram comportamento neutro (0,52 e 0,51 respectivamente). Os resultados dessa autora indicaram ainda que as labiais (0,42) se mostraram pouco favorecedoras da elevação, além da vogal alta (0,42) e das coronais [+ant] (0,33), pois todas apresentaram peso relativo abaixo do ponto neutro.

Nos dados de Vieira (2009), as consoantes labiais (0,60) e as vogais (0,64), assim como as fricativas (0,60), favoreceram a elevação da vogal final /o/, já as oclusivas, as líquidas e as dorsais apresentaram para a preservação da vogal /o/ pesos relativos de 0,55, 0,54 e 0,53, respectivamente.

Considerando a distinta organização dos fatores nas pesquisas citadas, ressaltamos a dificuldade de comparações entre os resultados de nossa amostra e aqueles apresentados nessas análises precedentes.

Em nosso estudo, portanto, considerando o tipo de consoante, as nasais, as oclusivas e o rótico favoreceram a elevação; já em relação ao ponto de articulação da consoante precedente, principalmente as consoantes pós-alveolares, seguidas das labiodentais e das palatais favoreceram a elevação de /o/ para /u/.

Em relação à consoante seguinte, as variáveis ponto de articulação (4^a posição) e contexto seguinte ou tipo de consoante/vogal (8^a posição) foram selecionadas. Os resultados dessas variáveis figuram na tabela 5:

Tabela 5: Ponto de articulação e contexto seguinte

Fatores	Aplicação/Total	Frequência	P.R.
Ponto articulação			
Pós-alveolar	22/85	25	0,84
Velar	66/321	20	0,72
Labiodental	11/113	9	0,65
Alveolar	159/1555	10	0,46
Bilabial	26/383	6	0,35
Contexto seguinte			
Lateral	8/55	14	0,62
Pausa	73/668	10	0,58
Anterior média	52/436	11	0,58
Baixa	42/450	9	0,57
Oclusiva	147/1163	12	0,51
Fricativa	39/343	11	0,36
Nasal	81/912	8	0,44
Posterior média	13/202	6	0,40
Anterior alta	1/77	1	0,15

Fonte: VARLINFE (2014)

A análise do contexto seguinte mostrou que o ponto de articulação da consoante seguinte também pode interferir na aplicação da elevação ou da não elevação da vogal postônica /o/. Conforme podemos observar na tabela 5, os resultados apontaram como fatores favoráveis à elevação as consoantes pós-alveolares, (0,84), velares (0,72) e labiodentais (0,65); já as consoantes alveolares (0,46) e bilabiais (0,35) desfavoreceram a elevação.

Em relação ao tipo de consoante/vogal seguinte, verificamos que as consoantes laterais (0,62), as vogais médias anteriores (0,58), a pausa (0,58) e a vogal baixa (0,57) se apresentaram como fatores favorecedores da elevação. As oclusivas apresentaram um resultado praticamente no ponto neutro (0,51), e os demais contextos (fricativas, nasais, posterior média e anterior alta) desfavoreceram a elevação de /o/ para /u/. O rótico (15 dados) e a vogal posterior alta (42 dados) apresentaram 100% das ocorrências sem elevação. Em relação às vogais, os resultados não confirmaram o esperado, pois as vogais altas em contexto seguinte, que acreditávamos favorecer a elevação, a desfavoreceram.

Outras pesquisas também analisaram o papel do contexto seguinte na realização do /o/ átono final, embora tenham determinado esse contexto em função de traços fonológicos distintos, conforme já mencionamos em nossa análise do contexto precedente. Em relação à análise das vogais, verificamos que Machry da Silva (2009) e Mileski (2013) analisaram conjuntamente todas as vogais; já em nossa pesquisa, classificamos as vogais de acordo com a anterioridade/posterioridade e altura (anterior/posterior e alta/média/baixa).

Em Rincão Vermelho – RS, Machry da Silva (2009) verificou que o contexto seguinte vogal, com peso relativo de 0,57, favoreceu o alcantamento de /o/ em posição final. As consoantes coronais [+ant] e a pausa apresentaram peso relativo de 0,50, figurando como neutras. A autora também observou um comportamento neutro para as consoantes labiais, com peso relativo de 0,48. Já as consoantes coronais [-ant] amalgamadas com dorsais, com peso relativo de 0,43, demonstraram leve tendência à preservação da vogal.

Em Vista Alegre do Prata – RS, Mileski (2013) verificou que as consoantes dorsais (0,61), as vogais (0,60) e a pausa (0,56) favoreceram a elevação da vogal átona final /o/, as consoantes labiais mostraram um comportamento neutro (0,50) e as coronais [+ant] e coronais [-ant], com peso relativo abaixo do ponto neutro (0,43 e 0,28, respectivamente), desfavorecem a elevação.

Observamos, portanto, que em Machry da Silva (2009) e Mileski (2013) as vogais (analisadas conjuntamente) favorecem a elevação. Também em nosso estudo, as vogais médias anteriores e a baixa se mostraram favorecedoras da elevação; já as vogais altas, ao contrário do esperado, favoreceram a preservação de /o/. Em relação às consoantes, observamos que as pesquisas apresentam resultados bastante diferenciados.

A seguir, apresentamos os resultados da variável faixa etária, selecionada pelo programa estatístico em 5^a posição e a única variável social considerada significativa nos dados de Prudentópolis.

Tabela 6: Faixa etária

Fatores	Aplicação/Total	Frequência	P.R.
Faixa etária			
- 25 a 49 anos	334/2548	13	0,58
- 50 anos ou mais	122/1821	6	0,39
Total	456/4369	10,4	

Fonte: VARLINFE (2014)

Os resultados de nossa análise mostraram que os falantes mais jovens favorecem a elevação da vogal átona final /o/ em Prudentópolis (0,58); já os falantes mais velhos apresentaram um peso relativo de 0,39 para a elevação, ou seja, desfavorecem a elevação de /o/ para /u/.

Em Curitiba, Limeira (2013) também verificou que os informantes mais jovens tendem a elevar essa vogal, apresentando um peso relativo de 0,64 para a elevação; já os mais velhos são os que mais preservam a vogal átona final /o/, com um peso de 0,32 para a elevação.

Em Rincão Vermelho – RS, Machry (2009) analisou três faixas etárias e seus resultados mostraram, em todas as faixas etárias, pesos relativos muito próximos ao ponto neutro. Esses resultados indicam, segundo a autora, que na comunidade em estudo a regra de alcance da vogal média /o/ final caracteriza uma situação de variação estável.

Mileski (2013) também analisou três faixas etárias em Vista Alegre do Prata – RS. A autora verificou que os informantes mais velhos favorecem a elevação (0,66), já os informantes da faixa etária intermediária (36 a 57 anos) são os que mais preservam a vogal átona final /o/, com um peso relativo de 0,62, seguidos pelos falantes mais jovens (15 a 35 anos), com 0,55 para a não elevação.

Nossos resultados aproximam-se, portanto, dos obtidos por Limeira (2013) em Curitiba. Assim como em Curitiba, a elevação de /o/ para /u/ predomina na fala dos entrevistados mais jovens de Prudentópolis; já os mais velhos, ao contrário, favorecem a preservação da vogal átona final /o/. Esses resultados podem indicar um início de mudança em progresso.

Considerações finais

Os resultados deste estudo mostram um reduzido percentual de elevação (10,4%) da vogal átona final /o/ nos dados de Prudentópolis, Paraná. Esse percentual de elevação é significativamente menor do que o obtido em outras localidades da região Sul (VIEIRA, 2009; MACRHY DA SILVA, 2009; LIMEIRA, 2013) e assemelha-se ao obtido por Mileski (2013) em Vista Alegre do Prata, uma comunidade rural, também constituída por descendentes de escravos.

Considerando as variáveis linguísticas, os resultados do tipo de sílaba e presença/ausência de vogal alta na palavra apresentaram tendências semelhantes às

obtidas nos demais trabalhos citados. Em Prudentópolis, a elevação de /o/ para /u/ foi favorecida nas palavras com vogal alta (0,64) e nas sílabas com coda (0,82).

Em relação às demais variáveis linguísticas selecionadas (tipo de consoante/vogal em contexto precedente, ponto de articulação da consoante precedente e seguinte e sonoridade), as diferenças na constituição dos fatores dessas variáveis dificultaram comparações entre os resultados ou generalizações. Em nossa análise, conforme já destacamos, separamos o contexto precedente e seguinte pelo tipo e ponto de articulação dos sons, já os demais trabalhos adotaram formas diversas de agrupar e classificar esses contextos.

Quanto à sonoridade, classificada em primeira posição, verificamos que a elevação predomina (0,62) com os segmentos vozeados; já os desvozeados, com peso relativo de 0,21 para a elevação, favoreceram a preservação da vogal final /o/.

Os resultados da variável tipo de consoante/vogal em contexto precedente, em Prudentópolis, apontaram as consoantes nasais (0,57), as oclusivas (0,57) e o rótico (0,55) como favorecedores da elevação. Em relação ao ponto de articulação da consoante precedente, as consoantes pós-alveolares (0,91), as labiodentais (0,75) e as palatais (0,60) favoreceram a elevação de /o/ para /u/.

A variável ponto de articulação da consoante seguinte apontou principalmente as consoantes pós-alveolares (0,84), as velares (0,72) e as labiodentais (0,65) como favorecedoras da elevação. Em relação ao tipo de consoante/vogal seguinte, a elevação predominou com as consoantes laterais (0,62), a pausa (0,58), as vogais médias anteriores (0,58) e a vogal baixa (0,57); as vogais altas, ao contrário do esperado, desfavoreceram a elevação.

Quanto às variáveis sociais, somente a faixa etária foi selecionada. Os resultados mostraram que os falantes mais jovens, com um peso relativo de 0,58, favorecem a elevação da vogal átona final /o/ para /u/; já os mais velhos desfavorecem essa elevação (0,39). Esse resultado parece indicar um possível início de mudança em progresso.

Referências

BISOL, L. Neutralização das átonas. In: *Revista Letras*, Curitiba: Editora UFPR, n. 61, p. 273-283, 2003. Edição especial.

_____. A Simetria no Sistema Vocálico do Português Brasileiro. In: *Linguística - Revista de Estudos Linguísticos* da Universidade do Porto. vol. 5, p. 41-52, 2010.

- BURKO, V. *A imigração Ucraniana no Brasil*. 2^a Ed. Curitiba. 1963.
- CÂMARA JR., J. M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 39. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- HANEIKO, V. *Uma centelha de Luz*. Curitiba: Clero Diocesano Ucraniano no Brasil. Editora Kindra, 1985.
- HAURESKO, J. B. *Estudo sócio-linguístico da comunidade ucraniana de Linha Esperança – Prudentópolis – Paraná*. Guarapuava-PR: UNICENTRO, 1999. (Monografia de Especialização).
- LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Trad.: BAGNO, M.; SCHERRE, M.; CARDOSO, C. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- LIMA-HERNANDES, M. C. Sociolinguística e línguas de herança. In: MOLLICA, M.C.; FERRAREZI JÚNIOR, C. (Orgs.). *Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2016. p. 97-110.
- LIMEIRA, L. *O não alcance das vogais médias na fala de Curitiba sob a perspectiva da sociolinguística quantitativa*. 2013. 88 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- LOREGIAN-PENKAL, L. et al. Banco de dados de fala eslava: discussões metodológicas. In: CAMPIGOTO, J. e CHICOSKI, R. (Orgs.). *Brasil-Ucrânia: linguagem, cultura e identidade*. São Paulo: Paco Editorial, 2013. p. 58-73
- LOREGIAN-PENKAL, L.; COSTA, L. T. O fenômeno de não elevação da vogal /e/ na fala de descendentes de eslavos de Mallet, Paraná, Brasil. In: *Revista de Letras Norte@mentos*, v. 9, n. 20, p. 85-99, 2016.
- MACHRY DA SILVA, S. *Elevação das vogais médias átonas finais e não finais no português falado em Rincão Vermelho – RS*. 2009. 172 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- MILESKI, I. *A elevação das vogais médias átonas finais no português falado por descendentes de imigrantes poloneses em Vista Alegre do Prata – RS*. 2013. 153 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- OGLIARI, M. A manutenção do ensino da língua ucraniana em comunidade bilíngüe português/ucraniano. In: LEFFA, V. J. (Org.). *O professor de línguas: construindo a profissão*. Pelotas: EDUCAT, 2001.
- VIEIRA, M. J. B. As vogais médias postônicas: uma análise variação. In: BISOL, L. e BRESCANCINI, C. (org.). *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p.127-159.
- _____. As vogais médias átonas nas três capitais do sul do país. In: BISOL, L., COLLISCHONN, G. (org.). *Português do Sul do Brasil – Variação fonológica*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2009. p.50-72.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

ANALYSIS OF THE ELEVATION OF THE FINAL ATONIC VOWEL /O/ IN PRUDENTÓPOLIS, PARANÁ

ABSTRACT

This research⁹, based on the theoretical and methodological assumptions of Variationist Sociolinguistics (LABOV, 2008 [1972]), sought to investigate the process of raising the mid vowel /o/ when in a final postonic position, in the Portuguese spoken in rural areas by descendants of Slavic immigrants in the city of Prudentópolis, Paraná. Twenty-four sociolinguistic interviews stratified according to gender, two age ranges and three levels of education, belonging to the database of the project VARLINFE (Variação Linguística de Fala Eslava) were analyzed. The data have indicated a low raising rate for the vowel studied.

Keywords: vowel raising, Slavic ethnicity, Project VARLINFE.

Recebido em 04/06/2018

Aprovado em 30/08/2018

⁹ Research supported by CNPq. Proceeding no: 443809/2014-3.